
07:22 COMO FECHOU O MERCADO ONTEM (RETRANSMISSÃO DO CENÁRIO 2)

O texto abaixo é a retransmissão do Cenário-2 do dia 18/08/2010, publicado às 18h33 no AE News

Juros longos tombam com estrangeiros; Bolsas têm alta leve

Nesta quarta-feira de pregões mornos nos mercados de ações, a queda dos juros futuros de longo prazo continuou impressionando, especialmente para um dia sem qualquer destaque na agenda e no noticiário aqui e no exterior. O tombo das taxas que vencem a partir de 2013 foi, novamente, patrocinado pela forte atuação dos players estrangeiros na ponta de venda, que renovaram as buscas por ativos que ofereçam boa oportunidade de retorno. E, ainda que o investidor cultive a expectativa de não haver mais elevações da Selic no curto prazo, o nível atual da taxa brasileira, de 10,75%, continua a ser muito mais atrativo do que suas pares lá fora. Em dia de vencimento de índice futuro, a Bovespa teve uma sessão predominantemente no negativo, mas no final conseguiu migrar para o azul. A inversão foi garantida pelos ganhos das ações da Vale a contrabalançar o declínio firme dos papéis da Petrobras, afetados, por sua vez, pela cautela em torno do processo de capitalização da empresa. A Bolsa brasileira operou descolada de Wall Street, onde os índices tiveram avanço tênue, amparado por novos informes favoráveis do setor varejista. O câmbio foi marcado pelo volume fraco, mas o dólar sustentou o sinal de baixa das últimas duas sessões, tendo chegado, no intraday, a romper o piso psicológico de R\$ 1,75. No fechamento, no entanto, reduziu o ritmo de recuo e encerrou a R\$ 1,753.

Juros

Contra fluxo, não há argumentos. O mercado de juros continuou operando sob esta máxima e as taxas longas voltaram a despencar, enquanto os DIs de curto e médio prazos registraram queda mais moderada. E a atuação dos investidores estrangeiros permaneceu como fator fundamental para o movimento do mercado, nesta quarta-feira sem indicadores de peso na agenda aqui e no exterior.

O DI janeiro de 2012 (440.185 contratos) caiu a 11,28%, de 11,31% no ajuste de ontem; o DI janeiro de 2011 (289.775 contratos) ficou estável em 10,74%; o DI janeiro de 2013, que estava em 11,49% no ajuste, desabou a 11,38%, girando 147.515 contratos. No DI janeiro de 2014 (50.195 contratos) a taxa derreteu de 11,49% para 11,34%, e o DI janeiro de 2017 (19.620 contratos) encerrou em 11,31%, de 11,44% ontem.

Os contratos com vencimento próximo oscilaram pouco, sem notícias de impacto que pudessem desfazer a avaliação de que o ciclo de aperto monetário está concluído, conforme mostra a curva a termo, que precifica majoritariamente manutenção da Selic em 10,75% a partir do próximo encontro do Copom.

Os DIIs de longo prazo, por sua vez, recuaram com força em razão do pesado fluxo de vendas de players estrangeiros que seguem vendo nos ativos brasileiros boas oportunidades de ganhos. "A taxa de juros brasileira é muito atrativa em relação às taxas internacionais, que estão bastante baixas", diz a economista da Link Investimentos Marianna Costa, lembrando que, adicionalmente, os fundamentos da economia doméstica são consistentes, o que dá mais segurança aos aplicadores. "Além disso, o processo eleitoral não deve trazer volatilidade aos ativos", complementou.

"O mercado, cada vez mais, se convence de que a próxima decisão do Copom será pela manutenção da Selic e, assim, o investidor vai para onde há prêmio", avalia o trader de juros do Banco Prosper Rodrigo Maranhão, para quem eventuais correções de alta nas taxas tendem a ter caráter apenas pontual.

Algumas fontes comentaram sobre a entrevista do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, ao canal Globo News ontem à noite, que teria levado a uma breve pressão de alta no início dos negócios, prontamente dissipada no desenrolar da manhã.

Meirelles afirmou que o crescimento econômico vai se acelerar no terceiro trimestre e que a economia mundial, inclusive a brasileira, tem, nesse período atual, uma volatilidade maior do que nos períodos usuais. "O importante é que os analistas olhem isso com muito cuidado e não vejam nenhuma situação como permanente", observou.

Em resposta sobre como será a economia no segundo semestre - se passará por um cenário de acomodação sem pressão inflacionária ou pode acontecer o cenário de aceleração da economia rapidamente com pressão inflacionária, Meirelles disse que "esse é exatamente o segredo das projeções". "Existem fatores trabalhando nas duas direções. O que não podemos é super simplificar. Exagerar um lado da questão ou outro lado", disse.

Nos EUA, na ausência de dados econômicos, as bolsas tiveram ligeiro avanço, sustentadas por novos informes de redes varejistas, como Target, mas as preocupações com o futuro da economia estão longe de se dissipar. "O problema com a economia dos EUA é tão profundo e vai durar tanto tempo que tenderia a dizer que nunca vão iniciar a estratégia de saída", ironizou o economista-chefe do HSBC para os EUA, Kevin Logan, em entrevista ao AE Broadcast Ao Vivo, ao apontar que o Fed não terá chance de desfazer a flexibilização quantitativa tão cedo.

Nesta quinta-feira, paralelamente à influência do fluxo, o investidor terá uma agenda interessante de eventos a acompanhar, assim como os leilões de títulos prefixados do Tesouro adicionalmente poderão mexer com os negócios. O destaque do dia será a divulgação, às 14h30, dos dados do Caged referentes a julho, que poderão servir de termômetro da demanda interna. Pela manhã, às 8 horas, a FGV revela o IGP-M na

segunda prévia de agosto. As expectativas estão no intervalo entre 0,41% e 0,67%, com mediana de 0,54%. (Denise Abarca)

18:28

DI1FUTF12	DI1FUTF11	DI1FUTV10
11.28	10.74	10.690

18:12

Operação	Último
CDB Prefixado 30 dias (%a.a)	10.61
Capital de Giro (%a.a)	12.95
Hot Money (%a.m)	1.26
CDI Over (%a.a)	10.64
Over Selic (%a.a)	10.66

Bolsa

Em um dia sem divulgação de dados relevantes no exterior a direcionar o mercado, as bolsas de valores tiveram uma sessão técnica, com foco doméstico. Na Bovespa, à tarde, as ações da Petrobras acentuaram o movimento de queda e o Ibovespa só não fechou em baixa por causa de uma esticada da alta das ações da Vale na última hora do pregão. O duelo Petrobras x Vale deixou em segundo plano ao longo da tarde a influência do vencimento de índice futuro e o otimismo das bolsas de Nova York.

O Ibovespa fechou em alta de 0,08%, aos 67.638,38 pontos. Durante a sessão, oscilou da mínima de 67.005,75 pontos, em queda de 0,86%, à máxima de 67.745,45 pontos, em alta de 0,24%. No mês, mantém-se positiva, acumulando alta de 0,18%; no ano, a perda soma 1,38%. O giro financeiro foi de R\$ 8,25 bilhões. O vencimento de índice futuro, segundo operadores, foi tranquilo, sem disputas acirradas.

As ações da Petrobras estiveram sujeitas, sobretudo, à cautela de investidores enquanto aguardam definições sobre o processo de capitalização. Os papéis da estatal, que têm peso de cerca de 12% no Ibovespa, tiveram quedas expressivas, entre as maiores do índice - o papel ON caiu 2,48%, para R\$ 31,51, e o PN recuou 2,19%, para R\$ 27,68.

Mais do que a falta de uma data precisa para a oferta (sabe-se apenas que será em

setembro), o mercado se ressentiu da indefinição do preço do barril de petróleo que será considerado na cessão onerosa da União para a estatal, comenta Dany Rappaport, sócio da Investport. Incomodam o mercado informações de que existiria uma divergência entre o Tesouro e a Petrobras a respeito do valor do barril. Para a estatal, interessa que o preço do barril seja o menor possível (comenta-se em torno de US\$ 5) e, para o Tesouro, é o contrário (mais perto de US\$ 10, segundo estimativas).

O mercado está atento também ao cumprimento do cronograma da capitalização definido anteontem pelo ministro de Minas e Energia, Márcio Zimmermann. Pelo calendário informado, a Agência Nacional do Petróleo (ANP) deve receber da consultoria contratada o laudo com o valor do barril que será repassado por meio da cessão onerosa até amanhã. A partir daí, a previsão é a ANP divulgar esse valor até o final do mês.

De manhã, surgiram também novas dúvidas sobre a data de realização da oferta. Anteontem, o presidente da empresa, José Sérgio Gabrielli, e o ministro de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, haviam citado 30 de setembro. Hoje, o gerente de Relações com Investidores (RI) da Petrobras, Alexandre Quintão, afirmou que ainda não há qualquer data predefinida para o lançamento das ações da companhia dentro do processo de capitalização, embora tenha garantido que a "única certeza é que será realmente em setembro".

Já as ações ON da Vale subiram 0,68% e as PNA, 0,71% - como os papéis da Vale também têm representatividade de cerca de 12% no Ibovespa, a alta fez contrapeso no índice à queda das ações da Petrobras.

Além de Vale, o Ibovespa reduziu perdas também com o bom desempenho das ações do setor de construção, ainda em reação aos resultados favoráveis dos balanços do segundo trimestre. Entre as construtoras, Cyrela ON subiu 1,80%; Rossi ON, +2,36%; Gafisa ON, +1,80%; e PDG Realty ON, 1,04%.

Entre as maiores altas do índice estiveram Ecodiesel ON, +5,62%; Vivo PN, +5,06%; e Embraer, +5,01%. Na ponta oposta, entre as maiores baixas, estiveram TAM PN, -3,27%; OGX Petróleo, -2,59%.

Em Nova York, as bolsas fecharam em alta modesta, garantida sobretudo por ações do setor de comércio varejista, em reação aos bons resultados no balanço do segundo trimestre que vêm sendo anunciados desde o início da semana. Target e Chico's FAS, que divulgaram resultados hoje, subiram 2,51% e 9,99%, respectivamente; as ações da Home Depot avançaram 1,94%, as da JC Penney, 2,58% e as da Lowe's fecharam em alta de 4,00%.

O Dow Jones subiu 0,09%, para 10.415,16 pontos; o Nasdaq evoluiu 0,28%, para 2.215,70 pontos; e o S&P 500 subiu 0,15%, para 1.094,16 pontos, sem forças para

passar à faixa dos 1.100 pontos perdida em 11 de agosto, um dia após o Federal Reserve admitir uma desaceleração no ritmo da recuperação dos EUA.

Na Europa, as principais bolsas fecharam em queda, com exceção da Bolsa de Madri. O comportamento do mercado foi determinado pelo desempenho das ações dos setores de commodities, que caíram devido à realização de lucros, depois das altas recentes.

Na Bolsa de Londres, o índice FT-100 fechou com perda de 0,89%, aos 5.302,87 pontos. Na Bolsa de Frankfurt, o índice Xetra DAX caiu 0,32%, para 6.186,31 pontos. O índice CAC-40, da Bolsa de Paris, cedeu 0,41%, aos 3.647,93 pontos. Na Bolsa de Milão, o índice FTSE-MIB recuou 0,64%, para 20.536,77 pontos, e na Bolsa de Madri o índice Ibex-35 fechou em alta de 0,21%, aos 10.391,00 pontos. Na Bolsa de Lisboa, o índice PSI-20 cedeu 0,42%, aos 7.426,93 pontos. (Rosangela Dolis)

17:20

Índice Bovespa	Pontos	Var. %
Último	67638.38	0.08
Máxima	67745.45	+0.24
Mínima	67005.75	-0.86
Volume (R\$ Bilhões)	8.25B	
Volume (US\$ Bilhões)	4.70B	

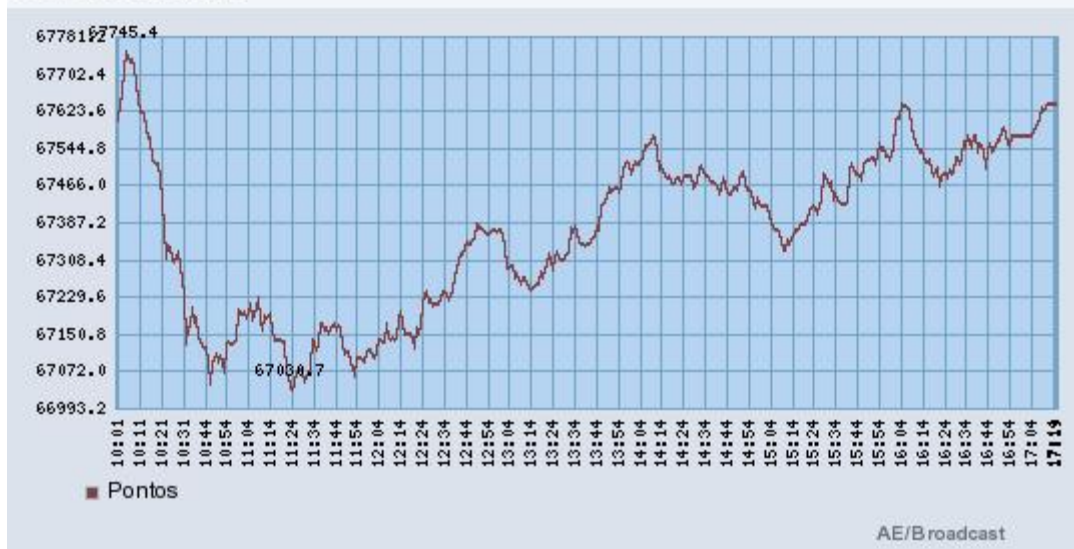
18:29

Índ. Bovespa Futuro	INDFUTQ10	Var. %	INDFUTZ10	Var. %
Último	67490	-0.19	69400	-0.29
Máxima	67770	+0.22	69400	-0.29
Mínima	66990	-0.93	69000	-0.86

18:32

Ações	Últ.	Var. %	Ações	Últ.	Var. %
TELEMAR PN	25.54	0.55	VALE PNA N1	44.17	0.45
PETROBRAS PN	27.69	-2.16	BRDESCO PN N1	31.85	1.27
EMBRATEL PAR PN *	11.25	-0.44	ELETROBRAS PNB N1	26.67	0.64
USIMINAS PNA N1	47.85	-0.91	SID NACIONAL ON	28.75	-1.07
VIVO PN	43.60	5.06	CEMIG PN N1	25.51	0.55

Bovespa 18/08/2010



Câmbio

O dólar chegou a romper, momentaneamente nesta quarta-feira, o piso psicológico de R\$ 1,75 ao qual está atrelado há dias, mas não sustentou a queda e, ainda que em baixa ante a divisa brasileira, retornou comportado ao patamar. Sem nenhuma notícia ruim no exterior, a moeda norte-americana marcou sua terceira queda consecutiva ante o real, em um dia de agenda esvaziada e volume mais fraco.

Ao final da sessão, o dólar pronto na BM&F recuou 0,11%, a R\$ 1,7531. No balcão, a moeda teve queda de 0,06%, para R\$ 1,7530, em um dia em que oscilou entre a máxima de R\$ 1,7550 e a mínima de R\$ 1,7490. Em três dias, o dólar registra perda de 1,07%, enquanto em 2010 a alta acumulada foi reduzida para 0,57%. O giro financeiro em D+2 (liquidação em dois dias) caiu para US\$ 1,98 bilhão, dos US\$ 2,56 bilhões registrados ontem.

No segmento futuro, a BM&F registrou a negociação de três vencimentos, todos em queda, com volume financeiro de US\$ 11,164 bilhões, superior aos US\$ 10,8 bilhões de ontem. O contrato com vencimento em setembro/2010 caiu hoje 0,11%, com taxa de R\$

1,759, e respondeu por US\$ 11,021 bilhões do volume total negociado.

No mercado doméstico, o fluxo cambial divulgado pelo Banco Central não surpreendeu os profissionais. O fluxo de dólares continuou positivo na segunda semana de agosto, em US\$ 571 milhões. No acumulado do mês até o dia 13, o saldo é positivo em US\$ 2,362 bilhões. O movimento de ingresso de dólares continua sendo liderado pelo segmento financeiro. Por essa via, o Brasil recebeu US\$ 267 milhões na semana passada, fruto de entradas de US\$ 4,770 bilhões e saídas de US\$ 4,504 bilhões. Pela conta comercial, o saldo das exportações e importações trouxe US\$ 305 milhões para o País na semana passada.

Os dados também mostraram que o Banco Central passou a comprar de forma mais intensa no mercado à vista na semana passada. A compra diária de dólares realizada pelo Banco Central aumentou as reservas internacionais em US\$ 1,223 bilhão entre os dias 9 e 13 de agosto. Na média, os leilões realizados pela autoridade monetária elevaram diariamente as reservas em US\$ 245 milhões - a maior média do ano de 2010. Em julho, por exemplo, a compra diária foi de US\$ 68 milhões. Antes, a cifra era de US\$ 91 milhões em junho e de US\$ 199 milhões em maio. Hoje, o BC realizou leilão entre 15h30 e 15h40 e fixou a taxa de corte em R\$ 1,7520.

"O dia está meio no zero a zero, oscilando pouco e com volume fraco", afirmou Jorge Knauer, gerente de tesouraria do Banco Prosper. Para ele, "vai ter de acontecer alguma coisa mais forte" para fazer a moeda sair dessa faixa estreita em que repousa nos últimos dias. "Vai ser preciso alguma notícia, ou uma atuação da autoridade monetária no mercado de derivativos (com swap cambial reverso) ou o uso do Fundo Soberano", opina.

Na sua avaliação, fatores como esses poderiam puxar o dólar para cima. Caído quase que no esquecimento pelos operadores, o Fundo Soberano do Brasil (FSB) pode ser retomado como uma alternativa para a alta da moeda, na opinião de alguns especialistas (veja nota das 16h26). "Para baixo, há notícias aos borbotões", lembra Knauer, citando a capitalização da Petrobras, a volta das captações externas e a arbitragem com a taxa de juros brasileira favorável como fatores a pressionar a cotação para menos de R\$ 1,75.

Ainda no mercado local, o candidato à Presidência da República pelo PSDB, José Serra, fez críticas hoje à política cambial brasileira. "Falta uma política econômica eficiente. Sobrevaloriza-se a taxa de câmbio de uma maneira que a importação é incentivada artificialmente e é retirada a competitividade da exportação também artificialmente", afirmou Serra, dizendo que, chegando no governo, "em dois meses pretendo resolver esse assunto".

No mercado global de moedas, o euro, que superou US\$ 1,29 com a boa demanda nos leilões de dívida do governo de Portugal e da Alemanha, não conseguiu manter o

avanço. Os investidores ainda se preocupam com Grécia, o epicentro original da crise da dívida soberana da Europa, disse Win Thin, estrategista de câmbio da Brown Brother Harriman à Dow Jones. O custo de assegurar a dívida do governo da Grécia contra um eventual default continua elevado, disse Thin. Isso limita o potencial de alta do euro. Perto das 18h10, a moeda única do bloco era negociada a US\$ 1,2852, de US\$ 1,2879 ontem no final da tarde em Nova York. Já o dólar valia 85,45 ienes, de 85,50 ienes ontem em NY. (Taís Fuoco)

18:16

Dólar (spot e futuro)	Último	Var. %	Máxima	Mínima
Dólar Comercial (Balcão)	1.75300	-0.06	1.75500	1.74900
Dólar Comercial (BM&F)	1.75310	-0.11	1.75450	1.74810
DOLFUTU10	1759.00	-0.11	1760.50	1753.00
DOLFUTV10	1771.50	-0.08	1771.50	1766.50

Dólar comercial (Balcão) 18/08/2010

